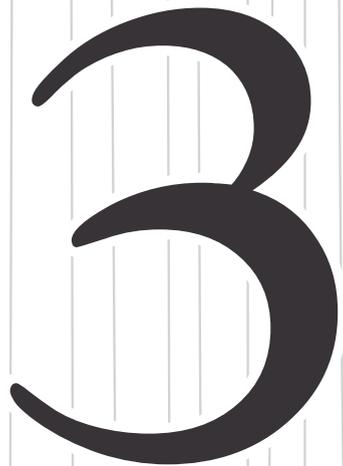


Se essas paredes pudessem falar

If these walls could talk

Nádia Elisa Meinerz

*Professora Adjunta do Instituto de Ciências Sociais
da Universidade Federal de Alagoas
nadiameinerz@gmail.com*



Resumo

Este artigo é um esforço de discussão das transformações nos significados atribuídos à homossexualidade na segunda metade do século XX a partir do filme *If These Walls Could Talk 2*. A partir da descrição detalhada de algumas cenas, busca-se retomar a especificidade de cada experiência lésbica, no contexto em que é apresentada. Problematisa-se também uma leitura evolutiva sugerida pela sequência do filme e pela comparação entre as histórias de vida narradas. Meu argumento é o de que o silêncio em torno dos relacionamentos entre mulheres e o rechaço das expressões de gênero masculinizadas não ficaram no passado. Eles se atualizam de diferentes maneiras no século XXI, convivendo com os avanços em relação ao combate à discriminação e à extensão dos direitos civis, como o casamento e a adoção pela população LGBT.

Palavras-chave: Homossexualidade feminina. Amizade romântica. Masculinidade de mulheres. Homoparentalidade.

Abstract

This paper discusses the changes in the meanings of homosexuality in the last five decades using the movie "If These Walls Could Talk 2". With a detailed description of some scenes, seek to resume the specificity of each lesbian experience, on the context it is presented. It also critiques the evolutionary approach suggested by the movie's sequence and by the comparative relation establish among these life stories. My point is that the silence surrounding the relationships between women and the rejection of masculine gender expressions were not just part of the past. They are updated in different ways in the XXI century, coexisting with advances towards combating discrimination and extension of civil rights such as marriage and adoption for LGBT people.

Keywords: Female homosexuality. Romantic friendship. Female masculinity. Gay families.

Introdução

Desejo Proibido é a tradução brasileira do filme norte-americano *If These Walls Could Talk 2*¹. Ele conta três histórias de relacionamentos amorosos entre mulheres que se passaram em um mesmo cenário, porém, em diferentes décadas, respectivamente nos anos de 1961, 1972 e 2000. Junto com a mudança de cores e de contornos da simpática casa de escadas altas, modificam-se a cada história as personagens que a habitam, as tramas que as envolvem e também a sociedade em torno delas. Edith e Abby são duas professoras aposentadas que compraram a casa e que construíram sua vida juntas, numa época em que tais relações eram impensáveis. As universitárias Linda, Jeanne, Karen e Michelle fizeram da casa uma república lésbico-feminista. Sem se importar com o que os outros pudessem dizer, elas queriam gritar ao mundo que amavam mulheres. Fran e Ellen escolheram a mesma e agora antiga casa para criarem o filho que decidiram ter através de inseminação artificial. Cada uma dessas histórias aborda os desafios de sua própria época, em relação ao modo como a sociedade encara a sexualidade, as relações de gênero e a família².

O presente artigo é intitulado com o que seria a tradução literal do original para o português, “Se essas paredes pudessem falar”. Essa escolha está relacionada a um certo incômodo com a ideia de que as experiências apresentadas ao longo do filme possam ser descritas como diferentes expressões de um mesmo “desejo proibido”. Esse pensamento evoca a existência de proibições explícitas, mecanismos que reprimem um tipo específico de desejo sexual, o de uma mulher por outra mulher. Minha intenção, ao longo deste artigo, é mostrar que se as paredes da casa de escadas altas, na qual se passam as três histórias, pudessem falar, elas falariam não apenas de muitos e distintos desejos, mas também de diferentes formas de ser mulher. Falariam também das características de cada momento histórico e das conquistas políticas que atuam como pano de fundo em cada uma das tramas.

Para sustentar meu argumento, discuto algumas das transformações relacionadas à sexualidade ilustradas pelo filme, nos últimos quarenta anos. Porém, em vez de tomá-las como um dado, endossando uma leitura puramente

¹ Foi dirigido por Jane Anderson, Martha Coolidge e Anne Heche e lançado em 2000 pelos estúdios HBO.

² Alguns anos antes, outro filme (com o mesmo nome) propunha a discussão desse tipo de temática em sua transformação histórica. *O preço de uma escolha* (como ficou conhecido no Brasil) trouxe três histórias dramáticas, todas elas protagonizadas por mulheres num mesmo cenário, respectivamente nos anos de 1952, 1974 e 1996. Tratava-se de um filme sobre a gravidez indesejada e sobre o aborto, temas que se tornaram uma das principais, senão a mais importante, bandeira do movimento feminista na atualidade. *If these walls could talk*, igualmente realizado pelos estúdios HBO, foi dirigido por Cher Savoca, Nancy Savoca e Anne Heche e recebeu o prêmio “Globo de Ouro” de melhor filme em 1996.

evolutiva do passado ao presente, proponho pensar as experiências narradas também como possibilidades coexistentes e contemporâneas. Dessa forma, em cada uma das partes que compõem o artigo, seleciono uma cena emblemática que me permite multiplicar as possibilidades de sentido contidas na trama, colocando questões para uma discussão mais ampla proposta no ciclo “Discutindo Gênero e Sexualidade a partir do Cinema”.

Nesse processo, duas coisas devem ser explicitadas: a primeira diz respeito à insistência com que me refiro no texto aos detalhes e à própria descrição de cada uma das três histórias. Não se trata de subestimar o leitor. Voltar a cada uma das cenas escolhidas importa como uma ferramenta que me possibilita trazer para o texto um pouco da intensidade do próprio filme. São histórias absorventes, repletas de episódios dramáticos, tensos e também hilários, sobre os quais não me atrevo a falar a não ser nos caminhos de suas próprias referências.

A segunda coisa é que as descrições que faço vêm carregadas com muita tinta. São praticamente caricaturas que conservam pouco de sua inspiração original. Nesse sentido, as considerações apresentadas ao longo do texto não são interpretações sobre o filme nem mesmo uma análise dos elementos que o compõem. Elas podem ser tomadas como um exercício de expor e de compartilhar uma série de sentimentos ambivalentes e contraditórios, que a sua recepção suscita. Faço isso de um lugar muito específico, a partir da experiência de pesquisa com a temática da homossexualidade feminina.

O texto está dividido em três partes, que visam contemplar minimamente as três histórias narradas, preservando o ordenamento cronológico. Na primeira parte, tomo como mote a questão da enunciação das relações homoeróticas e do deslizamento entre amizade e relacionamento amoroso. Em seguida, discuto o incômodo para com as expressões masculinizadas, bem como a dificuldade de inscrevê-las em um registro erótico. Por fim, reflito sobre a suposta maior abertura com que em nossa época contemporânea lidamos com algumas questões vinculadas à diversidade sexual, em especial a reivindicação do direito à homoparentalidade.

Amizades românticas e visibilidades

Ainda entorpecida pela morte da companheira de toda uma vida, Edith se empenha em reorganizar as coisas da casa. Respeitosa, ela retira os seus pertences do dormitório de casal e faz um novo quarto para si em outro cômodo. Ela separa as roupas e os sapatos, divide os móveis e guarda embaixo de sua nova e pequena cama uma caixa com fotografias, cartas e lembranças

de momentos seus com Abby. Mesmo destruída pela dor, ela precisa deixar as coisas em ordem para a chegada do sobrinho da companheira falecida, que vem reclamar o corpo e a herança da tia. Como todas as demais pessoas na cidade, para Ted Hedley, Edith e Abby são apenas “duas velhas solteironas”, mulheres esquisitas que por serem amigas dividem a casa e a amargura de não terem se casado, constituído uma família. Ao remover alguns quadros da parede, cuidadosamente, Edith vai disfarçando uma a uma as marcas do envolvimento amoroso entre as duas.

Essa cena faz parte da primeira das três histórias contadas ao longo do filme, a qual é, provavelmente, a mais dramática das três, não apenas por abordar o sofrimento da protagonista diante da morte de sua companheira, mas principalmente por retratar o seu isolamento e a sua impotência frente ao padrão heteronormativo. Para quem vive no século XXI, familiarizado com a ideia de liberdade de expressão sexual como direito humano, essa história evoca certamente um discurso sobre a violação de direitos e sobre a afirmação identitária como ferramenta para a reivindicação do respeito à diferença. De fato, o reconhecimento da conjugalidade (o direito de ser informado sobre situação de saúde, sobre causa da morte e de reivindicar o corpo do cônjuge) e o direito à herança figuram hoje entre as principais lutas do movimento homossexual organizado.

No entanto, na década de 1960, não só essas reivindicações eram impensáveis, como também grande parte das relações sexuais e afetivas entre mulheres passava absolutamente despercebida. Do modo como é proposto, como um tipo de experiência “no armário”, a relação de Edith e Abby pode ser pensada como exemplar da expressão e da experiência homossexual de uma determinada época. A discrição em relação ao envolvimento sexual e afetivo figura entre as principais características das relações entre mulheres, definidas por alguns por autores como Fadernam (1992), Nestle (1992) e Jagose (1996) como “amizade romântica”.

A leitura da amizade romântica como uma forma datada de parceria sexual e afetiva feminina pode ser mais bem caracterizada a partir da argumentação de Lillian Faderman, no livro intitulado *Odd Girls and Twilight Lovers*. A autora historiciza os relacionamentos amorosos entre mulheres do século XX, nos Estados Unidos, pautando também as transformações relacionadas à sexualidade no último século e o impacto delas sobre os contornos dos relacionamentos lésbicos. Ao longo de texto, Faderman (1992) problematiza a possibilidade de (in)visibilidade desses relacionamentos, descrevendo um processo de metamorfose que se inicia com as discretas amizades românticas, do início do século até chegar ao reconhecimento das comunidades lésbicas nos anos 1980.

Segundo a autora, antes que a sexologia falasse em homossexualidade, a experiência amorosa entre mulheres, principalmente entre mulheres de classe média, não era apenas uma recorrência, mas também algo desejável e valorizado socialmente. As práticas sexuais em meio a esses relacionamentos eram algo inusitado e irregular, porém quando ocorriam não suscitavam maiores preocupações ou dúvidas sobre a heterossexualidade entre as mulheres. A conversão de tais relacionamentos de amizade em fórmulas conjugais, assim como o relacionamento de Edith e Abby, só se torna possível através de conquistas sociais da primeira metade do século, em relação ao sufrágio universal e principalmente ao acesso às oportunidades educacionais e de trabalho formal, conquistadas em grande medida pela atuação dos movimentos de mulheres.

No que diz respeito à educação, nas primeiras décadas do século XX, há que se ressaltar o papel dos colégios para moças na criação de espaços de homossociabilidade feminina e de companheirismo, bastante propícios para o florescimento das amizades românticas. Além disso, a própria organização de uma militância feminista favoreceu sobremaneira a construção desses espaços. Nas palavras de Faderman (1992, p. 20):

Embora as amizades românticas não fossem incomuns do lado de fora das “faculdades para mulheres”, tais paixões tinham no cenário acadêmico um ambiente ainda mais favorável, uma vez que as mulheres podiam se encontrar umas com as outras, em grande número, e que as faculdades lhes concediam os momentos de lazer necessários para cultivar esses relacionamentos. Com os homens vivendo em um universo distante, fora do mundo feminino, e com os valores masculinos distantes deste universo, e suspensos em favor de novos valores, as mulheres jovens se apaixonavam umas pelas outras. Elas se tornaram heroínas, intelectuais e atletas umas das outras, compartilharam a grande excitação e o compromisso com a criação de novas possibilidades para as mulheres, se uniam contra um mundo pouco simpático à abertura profissional e educacional³.

³ Minha tradução. No original: *Although romantic friendship were not yet uncommon outside of women's colleges, such passions were encouraged even more strongly in an academic setting, since female could meet each other there in large number and the college afforded them the leisure necessary to cultivate those relationships. With men living in a distant universe outside of their female world and the values of that distant universe suspended in favor of new values that emerge from their new settings, young women fell in love with each other. They became academic, athletic, and social heroes to one another, they shared a vast excitement and sense of mission about their mutual roles in creating new possibilities for women, they banded together against a world that was still largely unsympathetic to the opening of education and profession to women.*

Através da escolarização e da possibilidade de trabalho como educadoras, muitas mulheres americanas puderam se sustentar economicamente, não tendo o casamento como única alternativa de sobrevivência. No entanto, “fazer sua vida com uma outra mulher”, mesmo que de maneira não pública, era em grande medida um privilégio de mulheres das classes médias ou altas da população (FADERMAN, 1992).

Outra leitura possível sobre o deslizamento entre amizade e relacionamento amoroso e sobre a invisibilidade social das relações homoeróticas femininas é pensá-los como um tipo de experiência contemporânea. Eles o são tanto no sentido da caracterização tipológica das parcerias sexuais e afetivas femininas nos dias de hoje, quanto como elementos constitutivos das relações sexuais e afetivas entre mulheres de uma forma geral. Procurei argumentar sobre a relevância dessas características para a compreensão da variabilidade das experiências sexuais e afetivas entre mulheres em minha dissertação de mestrado (MEINERZ, 2011). Trabalhei com dados coletados nos anos de 2003 e 2004 sobre as formas de enunciação das parcerias homoeróticas entre mulheres pertencentes às camadas médias urbanas.

Na ocasião, descrevi a ambiguidade como uma característica das parcerias homoeróticas, à qual estavam vinculadas a coincidência das relações de amizade e a parceria potencial. Nesse sentido, os deslizamentos se davam tanto da relação de amizade para a constituição de um vínculo amoroso quanto no sentido inverso, de transformação de uma relação amorosa num vínculo estreito de amizade. Essa ambiguidade, associada à maior liberdade de expressão dos afetos entre mulheres, possibilita, ainda hoje, que muitas parcerias sexuais e afetivas entre elas passem despercebidas.

Além disso, argumentei que o posicionamento discreto em relação à sexualidade e a não transgressão das expectativas de gênero possibilitavam a muitas de minhas interlocutoras jogar com a visibilidade de seus relacionamentos. Essa leitura remete a uma postura menos entusiasta da maior aceitação contemporânea da homossexualidade feminina. Simultaneamente ao florescimento dos movimentos lésbicos, da proliferação de afirmações identitárias em torno da lesbianidade nos grandes centros urbanos, muitas mulheres ainda preferem que suas relações sexuais e afetivas com outras mulheres passem despercebidas. As diferenças de classe social, que já eram apontadas nas amizades românticas da primeira metade do século XX, as diferenças de contexto sociopolítico que separam as grandes capitais das cidades pequenas e de médio porte do interior, além das questões geracionais, imprimem distinções significativas em relação à percepção da sexualidade.

Seguindo uma leitura mais ortodoxa dessas formas de enunciação em relação às práticas homoeróticas, diria que essa se trata de uma forma de viver a homossexualidade “no armário” e/ou como uma recusa em assumir-se homossexual. No entanto, do ponto de vista das práticas cotidianas, seguindo a análise de De Certeau (1998) sobre a distinção entre estratégias e táticas, procurei destacar a coexistência de diferentes formas de enunciação das relações homoeróticas, igualmente legítimas no que tange à ação política. Se muitas mulheres optam por dar às suas relações um tipo de visibilidade estratégica, com vistas à luta política de enfrentamento da norma heterossexual, existem também muitas outras que se apropriam da invisibilidade da homossexualidade feminina de forma tática. Ou seja, usam a presunção da heterossexualidade para preservar e promover os seus relacionamentos com mulheres. Nesse sentido, a reiteração de expectativas de gênero, no que tange aos atributos estéticos e à performance corporal no espaço público, permite que as mulheres se exponham menos à vigilância normativa em relação à sexualidade.

A possibilidade de jogar com a visibilidade dos relacionamentos homoeróticos não deve ser vista como uma prerrogativa feminina. Como mostra Paiva (2007) em sua etnografia da gestão da intimidade entre casais homossexuais masculinos de Fortaleza, a invisibilidade opera como espécie de micropolítica, inscrevendo os relacionamentos numa ética da reserva e da discrição. Passamani (2008) também observa essa regularidade em sua análise, com a narrativa de homens homossexuais nas cidades de Porto Alegre e Buenos Aires sobre sua preferência pela não militância. Esse autor, por sua vez, prefere a noção de homossexualidades discretas, desenvolvida por Pecheny (2004), para pensar as atitudes de reserva e não adesão às formas de enunciação pública dos relacionamentos homoeróticos.

Mulheres, masculinidade e homonormatividade

A mesma distinção de leituras, de particularidade sócio-histórica e de experiência contemporânea poderia ser feita sobre a questão da ambiguidade de gênero e sobre a masculinidade nos relacionamentos lésbicos. No entanto, gostaria de levar a discussão para uma direção um pouco distinta. Nesta sessão, proponho uma breve reflexão sobre o desconforto e até mesmo o conflito que a masculinidade lésbica provoca junto aos movimentos sociais que atuaram na transformação dos sentidos atribuídos à sexualidade nas últimas décadas. Meu argumento é de que esse desconforto evidencia o quanto os

próprios movimentos feminista e homossexual também são espaços privilegiados para a emergência de novas formas de normatização das expressões sexual e de gênero. Para ilustrá-lo, transcrevo brevemente uma cena da história de 1972, na qual a masculinidade de uma das personagens materializa a tensão entre as diferentes formas de ser mulher. A cena se passa em frente à casa das quatro amigas lésbicas, um dia após a briga destas com o grupo heterossexual na organização feminista da faculdade.

Quando as quatro amigas chegaram da faculdade, Diana já às esperava na frente de casa. Caminhando em direção a ela, Linda fala com orgulho do novo grupo feminista que elas pretendem fundar na faculdade, apenas para lésbicas. Diana se defende dizendo que sente muito pela briga, que não queria excluí-las do grupo de mulheres. Linda retruca, lembrando que o grupo que as duas haviam criado juntas deveria ser para todas as mulheres. “Eu sei disso”, responde Diana. Jeanne brinca: “Ainda somos lésbicas. Isso não mudou desde ontem”. Ela sugere que as colegas tenham paciência: “Eu queria dizer que se fossemos aos poucos, talvez no ano que vem”, referindo-se à inserção das questões de sexualidade na agenda do grupo. Frente a isso, Linda questiona se até lá elas devem fingir que não são lésbicas. Nesse momento, elas são interrompidas pela chegada de uma motocicleta. Amy estaciona a moto e vem andando na direção do grupo enquanto é observada dos pés a cabeça por todas elas. Seu cabelo bem curto, a calça de corte masculino, a jaqueta de couro com uma camiseta branca por baixo contrastam com a estética feminina das outras moças. Tímida, Amy se dirige à Linda e pergunta: “Você tem alguma coisa pra mim?”. Linda, que na noite anterior havia combinado o encontro a propósito de lhe devolver uma camisa, responde: “Eu esqueci”. Karen vira o corpo de modo a ficar bem ao lado de Linda, de frente para Amy. Fitando-a diretamente e com um sorriso no rosto, Karen sinaliza que não há nada para ela ali. Amy se dirige a Linda cordialmente, dizendo que foi um prazer conhecê-la. Ela se despede, dá meia volta e segue em direção à motocicleta. Enquanto isso, entre as garotas, permanece o silêncio acompanhado por vários olhares de reprovação. Diana pergunta: “Vocês a conhecem da escola?”. Antes que alguém comente alguma coisa, Karen afirma: “Nós não a conhecemos”. Diana se despede e vai embora enquanto as garotas repreendem Linda: “Como você espera que sejamos aceitas como feministas com esse namoradinho?”.

A cena é emblemática da tensão histórica que marca a relação das mulheres lésbicas com o movimento feminista. Não apenas os diálogos, mas também os olhares e as posições corporais estão atravessados por uma série de

juízos morais. Por um lado, as mulheres lésbicas se sentem injustiçadas por serem expulsas do grupo feminista, depois de terem passado meses defendendo o uso de contraceptivos nas campanhas da faculdade. Elas acusavam Diane de traição. Por outro lado, Diane rechaçava a imposição das questões de sexualidade por parte das lésbicas, pauta que segundo ela “enfraquece” os argumentos feministas. Ao mesmo tempo, as militantes lésbicas se envergonham da presença de Amy, uma lésbica masculinizada que em virtude de suas escolhas e principalmente de sua aparência também “enfraquece” a posição das lésbicas como feministas. Até mesmo para elas, que defendem a liberdade sexual, Amy é uma aberração. Ao se relacionar com ela, Linda passa a ser acusada da traição de ambas as causas, tanto lésbica como feminista.

Essas posições ilustram a existência de normas bastante rígidas a serem seguidas, mesmo nos contextos de enfrentamento das desigualdades sexual e de gênero. Para que a sociedade ouça as reivindicações das feministas, elas devem se portar como heterossexuais. Já para as feministas tolerarem em seus espaços de discussão as mulheres lésbicas, elas devem permanecer femininas. Essa tensão é descrita com muita propriedade por Wieringa (1989), a partir de sua própria experiência como militante lésbica e feminista. Segundo ela, a maior intolerância do movimento feminista concentrava-se em algumas expressões da sexualidade lésbica, como as configurações *butch-femme*, ou seja, aquelas cujo casal é composto por uma mulher masculinizada (*a butch*) e uma cuja expressão de gênero se aproxima do ideal feminino. Essas configurações eram rechaçadas por serem consideradas formas de reprodução da lógica de dominação masculina observada nos relacionamentos heterossexuais.

Porém, essa intolerância não era uma prerrogativa das feministas heterossexuais que viam nas mulheres masculinizadas uma cópia de um modelo de gênero que elas combatiam. Muitas mulheres lésbicas encaram a masculinidade das *butches* com muito estranhamento, definindo-a como uma espécie de confusão em relação à percepção de si como mulheres e também como uma negação da própria homossexualidade. Nesse sentido, Wieringa (1989) descreve que sua atuação como militante esteve pautada muitas vezes por uma tarefa pedagógica de feminilização das lésbicas masculinizadas. Era preciso, segundo a autora, ensinar para as lésbicas que o fato de elas gostarem de mulheres não as obrigava a se comportarem como homens.

Enquanto o movimento feminista propunha afastar as lésbicas (ou pelo menos o discurso lésbico) em prol de uma imagem moralmente mais aceita, o movimento lésbico, por seu turno, atuava no sentido de corrigir a expressão de

gênero das mulheres mais masculinizadas. Nesse sentido, para além da heterossexualidade compulsória, é preciso considerar, como propõe Rubin (1984), a proliferação de outras normatividades sexuais no campo das homossexualidades. Para essa autora, mesmo no contexto dos movimentos sociais organizados, há uma grande dificuldade de construir uma ética positiva em relação à variabilidade sexual e de gênero. Cada grupo, feminista, lésbico ou gay, acaba por constituir novas formas de hierarquização das modalidades sexuais, as quais separam o sexo ou a expressão de gênero boa, correta e saudável daquelas modalidades perversas, erradas e doentias.

Desse modo, gostaria de apontar que, apesar das transformações em relação às possibilidades de experimentar o corpo e a sexualidade, vivemos numa época de recrudescimento normativo, o qual pode ser facilmente observado em relação ao incômodo ocasionado em diferentes esferas pelas expressões de masculinidade entre mulheres. A proliferação de outras normatividades sexuais, para além da heterossexualidade compulsória, pode ser pensada à luz do conceito de homonormatividade, sugerido por Mauro Cabral (2008). Esse autor utiliza essa expressão para pensar as lutas e as práticas repressivas e discriminatórias entre os indivíduos que transitam fora dos limites da normalidade sexual e de gênero. Ela se aplica de maneira mais incisiva às expressões de trans, sejam elas encarnadas por travestis, transexuais ou intersex. Essa noção retoma, em certa medida, a crítica de Rubin (1984) sobre a dificuldade de construirmos na academia e no campo político uma ética de positividade em relação à diversidade sexual, a exemplo do que fazemos com a diversidade cultural, tanto no campo antropológico quanto no dos estudos culturais.

Aproveitando-se justamente desse incômodo com a masculinidade, algumas teóricas no contexto dos *Queer Studies* passaram a reivindicar o reconhecimento e a legitimidade desse objeto de estudo. A partir do diálogo com Butler (2003a) e outros teóricos *queer*, Halberstan (1998) formulou o conceito de *female masculinity* ou masculinidade sem homens para descrever as formas de masculinidade fora dos corpos biologicamente definidos como masculinos, a fim de explorar as posições de sujeito que perturbam o modelo hegemônico de conformidade de gênero. Tais expressões podem se manifestar tanto em contextos heterossexuais quanto homossexuais, porém, para a autora, é no contexto do “desejo lésbico” que a masculinidade feminina se torna mais ameaçadora em relação à masculinidade hegemônica.

O principal argumento do conceito *female masculinity* é o de que a masculinidade construída nos corpos de mulheres é tão ficcional quanto a dos

homens. Esse argumento é tomado de empréstimo de Butler (2003a), segundo a qual a expressão da masculinidade, naqueles corpos para os quais ela não está prevista, opera uma espécie de paródia de gênero. Ela perturba a compreensão de um sexo masculino natural e original. Para essas autoras, as *butches* bem como toda sorte de mulheres masculinizadas deslocam efetivamente o significado do masculino por se constituírem numa cópia sem original, que imita o próprio mito da originalidade masculina.

No Brasil, Lacombe (2005) propõe pensar a masculinidade feminina nos moldes da proposta de Halberstan. Ao etnografar o bar Flor do André, no Rio de Janeiro, a autora descreve diferentes modos de produção da masculinidade feminina, evidenciando os caminhos criativos de produção do masculino. Em especial, cabe destacar o papel de determinados artefatos, como a pochete, que, para além de um pênis simbólico, produzem corporalmente a masculinidade lésbica, na interação com potenciais parceiras. Para ambas as autoras, a masculinidade lésbica está muito longe de reproduzir qualquer padrão ou estereótipo heteronormativo. Pelo contrário, ela é entendida como uma forma política de subversão e de transformação do modelo heterossexual hegemônico, pela exposição de sua artificialidade.

Voltando a Linda e Amy, para além da repressão ao relacionamento das duas e do desconforto causado pela masculinidade, o roteiro do filme permite pensar essa masculinidade sem homens, do ponto de vista do investimento erótico. Nesse sentido, a própria ambiguidade de gênero materializada no corpo e nas atitudes de Amy é que a torna atraente e desejável.

Homoparentalidades e homossexualidades possíveis

Na saída da clínica médica, depois de fazer o procedimento de inseminação artificial, Fran e Ellen vão a um parque no qual costumam observar as crianças brincando. Sentadas sobre o capô do carro, elas refletem sobre o seu projeto de ter um bebê. Fran, que nessa hora já pode estar grávida, expõe sua preocupação: “É egoísmo querer trazer uma criança para este mundo? Fora a loucura e violência... se for nosso filho, será provocado. Terá que nos defender”. Ellen pondera, dizendo: “Talvez, mas todas as crianças são provocadas, isso faz parte da infância. E com sorte... quando o nosso filho aprender o que é discriminação... o mundo terá mudado”. Fran, menos confiante, retruca: “Mas e se não tiver mudado?”. Ellen, num devaneio retrospectivo, questiona a própria pergunta e, segura da resposta, diz: “Porque até agora o mundo sempre mudou”. Além disso, Ellen sugere que ter um filho é

apenas uma questão de amor, que se trata do amor entre as duas, do amor que sentirão pelo filho e do modo como farão o filho perceber o amor entre elas. Devolvendo a pergunta, Ellen questiona: “Como pode ser errado?” Fran, fitando emocionada e orgulhosa, diz à companheira: “Você vai ser uma grande mãe”. As duas riem e, voltando o olhar sobre as crianças, observam uma mulher se aproximar levando suas duas crianças em direção ao carro. Encantadas com as crianças, elas comentam com a mãe: “São lindos”. A mãe agradece o elogio e pergunta às duas se elas também têm filhos na escola. Fran e Ellen respondem que ainda não têm filhos. A mulher percebendo o encantamento das duas pelas crianças e o desejo expresso na fala sugere: “Vocês devem tentar”. Já entrando no carro, ela se despede e lhes deseja boa sorte.

Escolho essa cena para finalizar o artigo porque ela parece condensar um momento alto (clímax) tanto dessa história quanto do filme como um todo. Ela contrasta de maneira essencial com a primeira cena descrita, à medida que evidencia não apenas uma maior liberdade de expressão dos relacionamentos homoeróticos, mas também o reconhecimento desses relacionamentos no que diz respeito à constituição de famílias. A frase “vocês devem tentar” não é apenas uma frase de incentivo a um tipo de família pouco convencional, mas também uma sentença que legitima essa iniciativa e a inscreve na normalidade. Ela evidencia uma série de transformações no modo como a sociedade percebe a homossexualidade, no que diz respeito a uma maior tolerância, pelo menos por algumas de suas manifestações. Seguindo a linha argumentativa que venho tecendo até aqui, interessa-me menos pensar essa cena como um ponto de chegada de uma conquista progressiva de tolerância e respeito do que situá-la numa rede complexa de negociações, na qual valores tradicionais relacionados ao gênero e à família são constantemente atualizados e deslocados.

Gostaria de iniciar fazendo alguns comentários sobre a forma de apresentação das protagonistas, a partir de minha experiência com o estudo de recepção desse tipo de personagem, entre as mulheres que se relacionam com mulheres. Ao entrevistar mulheres de camadas médias urbanas acerca da representação da homossexualidade na mídia⁴, pude observar a simpatia desse público para com a representação não estereotipada das personagens, especialmente o fato de se tratarem de mulheres femininas, cujo principal interesse era a constituição de uma família, o qual seria concretizado com a

⁴ Refiro-me a um trabalho etnográfico sobre a percepção de mulheres envolvidas em relações homoeróticas nas cidades de Santa Maria e Porto Alegre, acerca das personagens lésbicas da novela *Mulheres Apaixonadas* (que foi ao ar em horário nobre entre maio e novembro de 2003, pela TV Globo).

adoção de uma criança. As personagens Elonora e Genifer, assim como Fran e Ellen, foram representadas como mulheres bonitas, brancas, louras, independentes financeiramente (pertencentes aos estratos médios da população), bem resolvidas do ponto de vista emocional e psicológico, vinculadas por uma relação estável, afetuosa e fortemente romantizada⁵. O principal argumento de minhas interlocutoras naquela ocasião é de que essa fórmula estava sendo bem-sucedida justamente por não reforçar os estigmas e as imagens pejorativas que mobilizam na sociedade em geral o preconceito em relação à homossexualidade (MEINERZ, 2004).

Tais representações podem ser lidas, como propõe Gomide (2006)⁶, como aproximações com o casal heterossexual bem-sucedido, quase como um enquadramento da homossexualidade à heteronormatividade. Para essa autora, no entanto, essa adesão ao padrão hegemônico de relacionamentos é compensada pela importância da visibilidade política conquistada pela inserção junto a um artefato cultural massivo. Concordando com o argumento de Gomide (2006), considero que o modo como são apresentadas as personagens Fran e Ellen contribui para a construção de uma imagem/referência positiva em relação à homossexualidade feminina, bem como possibilita uma identificação com o drama vivenciado e com os imponderáveis da vida conjugal, para além do público homossexual.

Nessa mesma linha, a busca pela constituição de família através da parentalidade, a qual perpassa a novela e o filme, vai ao encontro de uma pauta política internacional do movimento organizado, que é a reivindicação do direito à homoparentalidade⁷. Nesse sentido, a potência política expressa na história de Fran e Ellen está justamente em apresentar a homoparentalidade como uma experiência possível, pensável e legítima, que desloca os limites da normalidade. Na cena, destaquei a preocupação do casal em lidar com o preconceito e a sua esperança na transformação da sociedade. Esses elementos só fazem sentido num contexto histórico no qual o acesso à homoparentalidade compõe o horizonte de possibilidades dos sujeitos. Certamente, a força e a penetração social desses discursos são características

⁵ Aqui cabe destacar que nos dois contextos ficcionais, do filme e da novela, é descrito um processo de aceitação – que não se dá sem sofrimentos – da própria homossexualidade (no caso da novela) e da impossibilidade de uma filiação biológica de ambas as parceiras (no caso do filme).

⁶ Sílvia Gomide, em sua dissertação de mestrado na área de comunicação social na UnB, também faz uma análise de recepção da mesma novela, porém trabalha os grupos de discussão veiculados pela internet, que foram criados a propósito das discussões do público lésbico sobre a novela.

⁷ Para um maior detalhamento sobre a discussão em torno da homoparentalidade, ver Zambrano *et al.* (2006).

da nossa época, das ferramentas sociais de que a sociedade contemporânea dispõe para pensar e organizar a relação entre sexualidade, reprodução e parentalidade.

Apesar disso, voltando à argumentação sobre a caracterização das personagens, é preciso refletir acerca das expressões da homossexualidade que são contemporaneamente aceitas e/ou toleradas. Como nos mostra Zambrano (2008) em relação à constituição de famílias homoparentais, a aceitação e até mesmo a simpatia dos operadores do direito (equipes de adoção e guarda) para com os candidatos homossexuais de classe média não se estendem aos sujeitos provenientes das camadas populares, muito menos mesmo às reivindicações parentais de travestis e transexuais. Parece oportuna, nesse contexto, a argumentação de Butler (2003b) em sua análise do debate sobre a legalização do casamento e da parentalidade homossexual. Para a autora, esses processos de alargamento da normalidade colocam em evidência, produzem e esquadrinham uma nova gama de parentalidades e práticas sexuais não legalizáveis. Em suas palavras:

Ser legitimado pelo estado é aceitar os termos de legitimação oferecidos e descobrir que o senso público e reconhecível da personalidade é fundamentalmente dependente do léxico dessa legitimação. Dessa forma a delimitação ocorrerá somente através de uma exclusão de um certo tipo, embora não evidentemente dialética. A esfera da aliança íntima legítima é estabelecida graças à intensificação das zonas de ilegitimidade (BUTLER, 2003b, p. 226).

Esse argumento nos leva de volta a Rubin e às formações ideológicas sobre a sexualidade que sustentam práticas repressivas dentro do próprio campo da diversidade sexual. Em sua análise, a autora destaca o processo de constante hierarquização valorativa das modalidades sexuais, a qual pode ser organizada numa escala que separa, por um lado, o **bom sexo** (normal, natural, saudável) – heterossexual, monogâmico, reprodutivo – de uma grande **zona intermediária** onde se situam as variáveis (ora contestadas, ora aceitas), tais como o sexo heterossexual fora do casamento, a masturbação, os relacionamentos estáveis gays e lésbicos; e na outra extremidade o **sexo mau** (anormal, doentio, antinatural), realizado pelas travestis e transexuais, o fetichismo, o sadomasoquismo, o sexo pago e o realizado por pessoas de gerações diferentes (RUBIN, 1984, p. 81-82).

Além da conformidade com as expectativas de gênero, da configuração afetiva estável e monogâmica, acima citadas, a história de Fran e Ellen também atualiza e reforça outros valores tradicionais, tais como o da maternidade biológica, os laços de consanguinidade e a configuração nuclear. Frente a isso, cabe questionar em que medida essa experiência que mimetiza uma gravidez “natural” não acaba por se afirmar como legítima em contraposição às outras formas de parentalidade, como aquela exercida fora do contexto conjugal, compartilhada entre mais de dois indivíduos, sem laços biológicos etc.

Considerações finais

Ao longo do artigo, procurei embaralhar um pouco a percepção de que, nos últimos quarenta anos, caminhamos na direção de uma maior aceitação, da conquista de direitos e da abolição de uma série de proibições em relação à diversidade sexual. Isso não quer dizer que eu desconsidere a importância das transformações nos sentidos atribuídos à sexualidade, muito menos a atuação dos movimentos gay e lésbico e do movimento feminista na promoção dessas transformações. Também não quer dizer que eu não tenha chorado compulsivamente com a dor de Edith ou comemorado junto com Fran e Ellen a notícia da gravidez. O que procurei demonstrar é apenas que, embora tenha uma proposta realista e verossímil em relação às experiências possíveis nos momentos históricos descritos, o filme apresenta uma versão bastante parcial e não generalizável da realidade. Isso não importa, obviamente, se pensarmos nele apenas como uma obra artística ou como um produto da indústria cultural, mas se torna importante à medida que tomamos o cinema como ferramenta pedagógica, que nos permite construir e compreender o mundo em que vivemos.

Referências

- BUTLER, Judith. *Problemas do Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003a.
- BUTLER, Judith. O parentesco é sempre tido como Heterossexual? *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 21, p. 219-260, 2003b.
- CABRAL, Mauro. Comunicação pessoal. Seminário Direitos Sexuais como Direito Humanos: Panorama Latino-Americano e Brasileiro. Observatório de Direitos Humanos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- DE CERTAU, Michel. *A invenção do Cotidiano: as artes de Fazer*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- FADERMAN, Lillian. *Odd Girls and Twilight Lovers: a History of Lesbians Life in Twentieth-Century América*. New York: Penguin Books, 1992.
- GOMIDE, Silvia. *Representações das Identidades Lésbicas na Telenovela “Senhora do Destino”*. 2006. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Nacional de Brasília, 2006.
- HALBERSTAN, Judith. *Female Masculinity*. Durham; London: DUKE University Press, 1998.
- JAGOSE, Annemarie. *Queer theory: an introduction*. New York: New York University Press, 1996.
- LACOMBE, Andrea. *Para homem já tô eu: masculinidade e Socialização Lésbica em um bar do centro do Rio de Janeiro*. 2005. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Museu Nacional. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.
- MEINERZ, Nádia. *Entre Mulheres: etnografia sobre relações homoeróticas femininas em segmentos médios urbanos na cidade de Porto Alegre*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2011.
- MEINERZ, Nádia. Etnografando Percepções sobre a abordagem da homossexualidade feminina na novela das oito. *Corpus – Cadernos do NUPACS*, Porto Alegre, v. 16, n. 4, p. 01-21, 2004.
- NESTLE, Joan. *The Persistent Desires: a Femme-Butch Reader*. Boston: Alyson Publications, 1992.
- PAIVA, Antônio Cristian Saraiva. *Reservados e Invisíveis: o Ethos Íntimo das parcerias homoeróticas*. Ceará: Pontes, 2007.
- PASSAMANI, Guilherme. *O Arco-íris (Dês) coberto: homossexualidades Masculinas, Movimentos Homossexuais e Identidades Regionais – os casos de Porto Alegre e Buenos Aires*. 2008. Dissertação (Mestrado em Integração Latino-Americana) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2008.
- PECHENY, Mário. Identidades Discretas. In: RIOS, L. F. Almeida *et al* . *Homossexualidade: Produção Cultural, Cidadania e Saúde*. Rio de Janeiro: ABIA, 2004. p.16-33.

RUBIN, Gayle. Thinking Sex: notes for a Radical Theory of the Politics of Sexuality. In: VANCE, Carol. *Pleasure and Danger: exploring female sexuality*. Boston; London; Melbourne; Henley: Routledge & Kegan Paul Press, 1984. p. 267-319.

RUBIN, Gayle. Of Catamites and Kings: reflections on Butch, gender and Boundaries. In: NESTLE, Joan. *The Persistent Desires: a Femme-Butch Reader*. Boston: Alyson Publications, 1992.p. 446-482.

WIERIENGA, Saskia. An Antropological critique of Construcionism: Berdaches and Buches. In: ALTMAN, D. *et al. Which Homosexuality?* Essays from the International conference on lesbian and gay studies. London: GMP Publischer, 1989. p. 215-238.

ZAMBRANO, Elizabeth. *Nós Também somos Família*. 2008. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

ZAMBRANO, E. *et al. Direito à Homoparentalidade: cartilha sobre as famílias constituídas por pais homossexuais*. Porto Alegre: Vênus, 2006.